

# 1 Introdução

"Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade".

(Manoel de Barros, 2003, p. 14)

Intimidade e distância. Dois movimentos que marcam a experiência da produção desta pesquisa. Intimidade com o tema, que o faz imenso para mim, repleto de nuances, visadas possíveis, abordagens urgentes. A distância precisou ser produzida no sentido de sair de dentro das possibilidades, olhando-as de fora, de cima, de longe, encontrando caminho. Intimidade com o campo da pesquisa, a creche estudada, onde participei como observadora do cotidiano do berçário. Saber os nomes dos 24 bebês, conhecer suas peculiaridades de vida, estar próxima das educadoras. A distância precisou ser produzida no sentido de organizar categorias que dessem inteligibilidade à experiência.

Para clarificar de onde emerge este estudo, de qual lugar eu falo, sinto necessidade de situá-lo no contexto de minha formação profissional. Neste percurso, os autores com quem dialogarei ao longo das páginas seguintes são contextualizados.

Graduei-me em Psicologia na UFRJ em 1992. Naquela ocasião, nos meus estudos e práticas, destacava-se a preocupação com a construção da inteligência e da sociabilidade da criança pequena. A relação entre Psicologia e Educação acontecia à medida que buscava entender como a criança aprende e desenvolve-se, especialmente no contexto da escola.

A pré-escola (que atendia as crianças de 4 a 5 anos), de modo particular, era entendida como espaço de acesso aos conhecimentos legitimados e ingresso na cultura mais ampla. As atividades planejadas e discutidas com o professor para serem vividas com as crianças visavam a construção da leitura, da escrita e do pensamento matemático, sobretudo.

Esta perspectiva da Psicologia e das relações entre Psicologia e Educação foi mudando ao longo do meu caminho como formadora de educadores, professora de crianças e pesquisadora, a partir do contato com outros aportes teóricos.

Alguns pesquisadores contemporâneos<sup>1</sup> destacam a Psicologia, especialmente a Psicologia do Desenvolvimento, como um dos campos discursivos dominantes na estruturação da pesquisa com crianças e na organização das práticas pedagógicas. Ao mesmo tempo, estes autores problematizam o enfoque evolucionista e teleológico que esta área do conhecimento vem assumindo no enfoque das experiências infantis, que, por isso, passam a ser compreendidas como estágios de um desenvolvimento que tem sua culminância num momento visto como ideal, no futuro.

Neste foco da Psicologia, a dimensão racional é valorizada como característica humana fundamental. Consequentemente, a criança é vista como ser a credenciar-se para a vida adulta, onde estaria superada sua menorização, a partir do domínio da faculdade da razão. Sujeito individual e contexto social são considerados como dois elementos separados e as relações entre eles começam em determinada fase da vida infantil.

Diversos estudos atuais, de dentro da própria Psicologia<sup>2</sup>, e a partir do diálogo com outros campos do conhecimento<sup>3</sup> apontam os limites deste enfoque psicológico e dispõem outras perspectivas a partir das quais é possível compreender as expressões da criança como "precipitado de relações"<sup>4</sup>, numa dimensão intersubjetiva. Na pista do que sugere Bakhtin (2003)<sup>5</sup>, a produção de conhecimento é um ato bilateral e processual, onde há um ativismo de quem conhece e de quem se abre a ser conhecido, num movimento de transformação mútua<sup>6</sup>. Assim, torna-se possível compreender as diferenças entre adultos e crianças, e as diferenças das crianças entre si, como processuais, frutos de construções de sentido nas relações e não determinadas de antemão.

---

<sup>1</sup> Ver: Pinto M.; Sarmiento M. (1997) no campo da Sociologia da Infância e Pence A.; Dahlberg G.; Moss P. (2003) no campo da Educação.

<sup>2</sup> Destacam-se Castro L. R. (2001) e Jobim e Souza S. (1996).

<sup>3</sup> Poderíamos destacar o campo da Sociologia (especialmente o trabalho de Norbert Elias), ou o campo da Arte, Filosofia e Literatura (particularmente através de Bakhtin, com quem dialogarei neste trabalho).

<sup>4</sup> Esta expressão é de Elias N. (1994).

<sup>5</sup> BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. (tradução: Paulo Bezerra). São Paulo: Martins Fontes, 2003.

<sup>6</sup> Sobre esta perspectiva do trabalho de Bakhtin, ver Amorim (2003).

Esta perspectiva coloca a Psicologia (junto com outras áreas) como suporte para que a Educação seja pensada como espaço de construção de relacionamentos<sup>7</sup> e criação (para além dos limites da inteligência racional comprometida com a representação, a reprodução do mundo). Assim, alarga-se a perspectiva da aprendizagem, englobando não só compreender o mundo pela via do pensamento, mas senti-lo, experimentá-lo, vivê-lo, criá-lo em colaboração, troca e negociação com o outro.

Hoje, discute-se a divisão entre sujeito-sociedade, compreendendo seus imbricamentos; problematiza-se a linearidade do desenvolvimento, em busca de sua pluridimensionalidade; questiona-se a centralidade da razão, tomando em contrapartida os processos emocionais e imaginativos. Além disso, o corpo e as coordenações consensuais de ação são compreendidos como linguagem, para além da fala que materializa o pensamento. Este panorama oferece desafios instigantes para o trabalho com as crianças (seja no terreno da prática, seja no campo da pesquisa): como focalizá-las nos relacionamentos? Como dar visibilidade tanto ao campo de forças que compõe sua subjetividade, quanto às suas inversões e invenções de sentidos?

Neste caminho, o propósito deste estudo será buscar: *o que pode* um bebê? Quais as suas possibilidades sensoriais, afetivas, motoras e de produção de sentido na relação com adultos e outras crianças, no contexto da creche? Tendo em vista que os modos de relação com o bebê são tradicionalmente marcados por um viés disciplinador, higienista, de controle (o que se expressa em rotinas rígidas, contágio do modelo dos “trabalhinhos” da pré-escola, pelo cuidado como conjunto de ações instrumentais e mecânicas), ele acaba ocupando o lugar da necessidade, desproteção e fragilidade.

---

<sup>7</sup> No meu percurso, o encontro com a experiência e a bibliografia italiana no campo do trabalho com as crianças de 0 a 6 anos favoreceu esta perspectiva.  
Ver: GUIMARÃES, Daniela; LEITE, Maria Isabel (1999).

Portanto, torna-se importante problematizar as formas de relação com as crianças pequenas e entre elas, tendo em vista abrir espaço para que se tornem visíveis de outras maneiras. Para tal, esta tese propõe a revisão do conceito e das práticas de cuidado. Trata-se de pensá-lo numa perspectiva ética, onde a atenção do profissional que cuida sobre seus próprios atos convoca a ações menos intervencionistas, permitindo a constituição da criança no lugar da potência, da produção, da construção de sentidos (com todos os seus sentidos, tátil, visual, auditivo).

Se, no contexto contemporâneo vigora a separação entre mente e corpo, indivíduo e sociedade, e a valorização dos processos racionais em detrimento das sensações e expressões corporais, hipotetizamos que esta separação começa neste momento da vida, a partir das ações dos adultos com as crianças e sobre as crianças; ações que valorizam mais as crianças como indivíduos do que como participantes de um grupo social; ações que incentivam mais os processos racionais do que os sensoriais e afetivos; ações que colocam o cuidar como preservar, conter, controlar.

Ao considerar a criança como constituída nas relações e constituinte delas, diversas perspectivas teóricas são possíveis, sem desmerecer seus diferentes planos, interesses e raízes ideológicas. Nesta tese, eu poderia ter tomado o caminho da psicologia sócio-histórica, caminho dentro do qual circulo há algum tempo. A seguir, exponho suas bases.

No campo da Psicologia sócio-histórica, a formação do eu é compreendida nos processos de interação e negociação com os “outros”, ou seja, a sociedade e a cultura. Nesta perspectiva, especialmente a partir do trabalho de Vigotski, é possível identificar o “nascimento cultural” da criança, a partir do substrato biológico (essencialmente corporal) que a constitui. Este autor propõe uma abordagem dialética para a relação entre biológico e cultural, corpo e mente, compreendendo que as construções culturais transformam o suporte biológico, que, paralelamente, abre-se para novas elaborações simbólicas.

Vigotski (1989)<sup>8</sup> estuda o gesto de apontar como indicador da origem do processo de constituição sócio-cultural das crianças. Sobre isso, ele diz que inicialmente esse gesto não é nada mais do que uma tentativa sem sucesso de

---

<sup>8</sup> VIGOTSKI, L.S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

pegar alguma coisa; mas, quando a mãe vem e ajuda a criança, notando que o seu movimento indica algo, a situação muda; o apontar torna-se um gesto para os outros, para a mãe, neste caso. Então, pegar um objeto transforma-se em apontar, pela compreensão que o adulto mostra ter da ação da criança.

Baseado em Vigotski, o trabalho de Pino (2006)<sup>9</sup> dedica-se a buscar os indícios das origens da constituição cultural da criança no ponto onde ocorre o encontro das formas simbólicas de comunicação adulta, com as quais o outro significa as coisas à criança, com as formas biológicas de comunicação da criança (formas de que ela dispõe ao nascer). O autor indaga se existiria antes do movimento de apontar outros mecanismos que, sem exigir a funcionalidade motora do apontar, poderiam desempenhar um papel equivalente. Ou seja, antes da existência da funcionalidade motora, seria possível falar já de uma atividade cultural? Nesta pista, identifica quando e como formas de reatividade do corpo tornam-se expressivas, portadoras de significação. Destaca o choro, o olhar, o movimento e o sorriso como mecanismos que promovem essa relação entre natureza e cultura, localizando através da relação do adulto com essas expressões do bebê, a construção de padrões relacionais com o mundo cultural circundante.

Desde os primeiros instantes da existência, diferentes mecanismos culturais entram em ação, conferindo ao movimento do bebê um caráter cada vez menos automático e cada vez mais imitativo e deliberativo. Então, choros, sorrisos, deslocamentos e olhares são interpretados pelos adultos, criando formas relacionais com os bebês. Na verdade, os indícios orgânicos e naturais de expressão transformam-se em formas culturais pelo relacionamento com o outro. Há busca de contato e transformação das expressões naturais neste contato. Este seria o nascimento cultural do bebê. A forma natureza (reflexos, movimentos fortuitos, balbucios, etc) adquire um novo modo de existência quando ganha significação nas relações interpessoais.

---

<sup>9</sup> PINO, Angel *As marcas do humano: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski*. São Paulo: Cortez, 2005.

Ou seja, no início, a função sensorial e a função motora constituem o primeiro circuito de comunicação da criança com o outro. Podemos vê-las trocando objetos, olhares, muitas vezes de forma casual e contingente. Ao entrar em funcionamento, esse circuito coloca as crianças numa rede de relações onde suas ações vão ganhando significação, de acordo com a tradição cultural do seu grupo. Pouco a pouco, ganham intencionalidade, sentido e direção.

Neste enfoque, o corpo é entendido como espaço de construção simbólica e cultural a partir da relação com o outro. O mundo adulto insere a criança no universo das construções simbólicas e verbais, quando, por exemplo, nomeia a ação das crianças, roteiriza seu desenvolvimento, tutela suas expressões, controla seus movimentos. A fala, forma de expressão do pensamento verbal é considerada uma proeminente forma da comunicação humana e sua conquista inaugura linhas novas para o desenvolvimento, à medida que organiza a ação e potencializa a comunicação humana (Vigotski, 1989). Portanto, torna-se importante focalizar, no contraponto, as formas não-verbais através das quais o mundo vai sendo significado e experimentado pela e com criança também.

Pino (2006) propõe que *“a cultura supõe a natureza, porque ela é, em última instância, a própria natureza transformada em cultura, mas uma natureza que sem deixar de ser natureza, torna-se algo novo”*, o que se pode chamar de *“natureza humanizada”*(p.268). Essa ponderação é importante porque chama a atenção para o risco da construção de dicotomias e desequilíbrio na valorização de um ou outro plano, o natural ou o cultural.

Esta contribuição da Psicologia histórico-cultural, especialmente dos trabalhos de Vigotski, abre uma janela importante no estudo dos bebês, buscando compreender como se formam no contexto social de que participam desde que nascem. Nesta tese, busquei outras interlocuções no movimento de ampliar o olhar para como as construções culturais circunscrevem a experiência do bebê (em modelos instrucionais e técnicas corporais, sobretudo). Busquei perspectivas que lançassem luz para outras formas relacionais onde a potência dos bebês e suas invenções de sentido, no diálogo com os sentidos do mundo dos adultos, ficassem mais claras. Na creche, os bebês chegam com cerca de 3 meses. Alguns padrões relacionais já estão estabelecidos e outros se formam neste contexto. Esta tese investiga tanto a inscrição da criança na cultura, quanto as possibilidades

criadoras que nascem, por exemplo, da relação dos bebês entre si (troca de olhares, objetos e sorrisos).

Se, de um lado, a perspectiva psicológica situa a formação da consciência, do eu, na relação com o nós; a perspectiva antropológica e filosófica aqui admitida, mergulha nas possibilidades do nós, nos espaços que circunscrevem as relações, considerando a tecitura das redes criadas nos contatos relacionais e também valorizando os micromovimentos que apontam para novas possibilidades.

Assim, o referencial teórico desta pesquisa se baseia nos campos da Antropologia e da Filosofia, especialmente no diálogo com Marcel Mauss, Michel Foucault e Mikhail Bakhtin. Nesta perspectiva, nas fotografias e no caderno de campo, produzidos na pesquisa empírica, a tese busca o que pode um bebê, qual sua potência, que se expõem enredadas nos discursos e práticas do mundo adulto. Será feita uma investigação das práticas/técnicas que constituem os bebês, seus moldes e sua funcionalidade e das possibilidades das crianças nestas relações, delas com os adultos e delas entre si.

Marcel Mauss é um pesquisador que se coloca na fronteira da Sociologia e da Psicologia, realizando estudos antropológicos que focalizam as interconexões entre indivíduo e sociedade. De acordo com Oliveira (1979)<sup>10</sup>, o trabalho de Mauss não teve linearidade e sistematicidade em sua organização, mas fica claro que *"é frente à Psicologia que a Sociologia maussiana empenha-se em marcar seu domínio de ação"* (p.22). Faz isso no estudo de expressões coletivas, entendidas como diferentes da soma das expressões individuais, com força e sentido próprios. Estuda a expressão obrigatória dos sentimentos, as lágrimas<sup>11</sup>; por outro lado, também estuda as técnicas corporais<sup>12</sup> como manifestações de uma coletividade que se interliga com cada participante dela. De fato, seu trabalho é uma crítica a uma versão introspeccionista e individualizante da Psicologia do início do século XX.

---

<sup>10</sup> OLIVEIRA, Roberto Cardoso de (org.). *Mauss*. São Paulo: Ática, 1979.

<sup>11</sup> O texto que aborda a "expressão obrigatória dos sentimentos" foi produzido originalmente em 1921. Aqui, será considerada a seguinte tradução: MAUSS Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso (org). *Mauss*. São Paulo: Ática, 1979.

<sup>12</sup> O texto que aborda as "técnicas corporais" foi produzido originalmente em 1934. Aqui, será considerada a seguinte tradução: MAUSS, Marcel. As técnicas corporais In: \_\_\_\_\_ *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974a (vol II).

Lévi-Strauss (1974)<sup>13</sup> sublinha a importância do trabalho sobre as técnicas corporais, assinalando que depois de Mauss ninguém havia se dedicado a fazer o inventário das possibilidades do corpo, contribuindo para o conhecimento das suas modalidades de utilização, na concretização de uma arqueologia dos hábitos corporais. A proposição de Mauss leva-nos a confirmar que o homem não é produto de seu corpo, mas o homem sabe fazer do seu corpo um produto de suas técnicas e de suas representações. Informações sobre possibilidades e impossibilidades do corpo no espaço e de contatos entre corpos, gestos transmitidos de geração em geração, mediação de objetos na relação entre o corpo e o mundo podem ser obtidas de uma observação detalhada, oferecendo o testemunho rico da organização cultural vigente.

Por outro lado, Michel Foucault buscou entender como os homens são objetivados nas práticas e discursos que os interpelam; e num outro plano, buscou investigar as práticas culturais que contribuem para a formação do indivíduo como sujeito. Tendências objetivadoras e práticas subjetivadoras complementam-se, apesar de terem sido exploradas em diferentes momentos da obra deste autor (Rabinow & Dreyfus, 1995)<sup>14</sup>.

No diálogo com Foucault, é possível tanto encontrar a compreensão de como os dispositivos legais e práticas culturais que abraçam os bebês vão legitimando certas formas de ser criança, objetivando a criança, quanto notar como as práticas constituem certa experiência de si, ou seja, modos através dos quais as crianças vão se percebendo e considerando a si mesmas.<sup>15</sup>

Larrosa (1994)<sup>16</sup> afirma que a prática pedagógica frequentemente é entendida como conformadora do sujeito a certa imagem de subjetividade (normal ou ideal), como lugar de desenvolvimento e mediação, configurando-se como um “entorno favorável”. No entanto, baseado em Foucault, compreende a prática como lugar de constituição, ou seja, produção de subjetividade.

---

<sup>13</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução In: MAUSS Marcel *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974a (vol II).

<sup>14</sup> DREYFUS, Hubert; Paul, RABINOW. Michel Foucault uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

<sup>15</sup> No capítulo 1 (item 1.4) faço referências mais detalhadas ao trabalho de Foucault e sua relação com esta tese.

<sup>16</sup> LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e Educação In: SILVA, Tomaz Tadeu da *O Sujeito da Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.



Neste percurso, Larrosa (1994) localiza o papel ativo da pedagogia na fabricação de indivíduos com certa experiência de si, analisando algumas práticas pedagógicas com adultos. Ao longo da história, desenvolve-se a idéia de que o ser humano não existe somente como dado factual, colado a certos modos de vida, mas o ser humano existe de maneira que pode adotar uma relação cognoscitiva e prática consigo mesmo – como se a possibilidade de ter certa consciência de si, o poder fazer coisas consigo mesmo, definisse o ser mesmo do humano e isso é produzido nas relações. O trabalho deste autor, em suas próprias palavras, consiste em "*ensaiar os limites e as possibilidades metodológicas de uma certa problematização foucaultiana da construção e da mediação pedagógica da experiência de si*" (p.37). Tendo como base a proposta de Foucault, enuncia que esta experiência é analisada como resultado do entrecruzamento, em um dispositivo pedagógico, de tecnologias óticas de *auto-reflexão*, formas discursivas/narrativas de *auto-expressão*, mecanismos de *auto-avaliação*, *auto-controle* e *auto-transformação*.

Kohan (2003)<sup>17</sup> alarga esta visão, afirmando que o bloco de capacidade-poder-comunicação constituído nas práticas das escolas, condiciona pelo menos cinco dimensões da experiência de si: a *perceptiva* (o que se pode perceber de si); *discursiva* (o que se pode dizer de si); *moral* (o que se julga de si); *cognitiva* (o que se pensa sobre si) e de *governo* (o que é possível fazer consigo mesmo). De acordo com os propósitos desta tese, este caminho é interessante porque chama a atenção para como se constitui nas redes de relações institucionais a percepção da criança sobre si mesma. Os bebês ainda não falam sobre si, mas percebem-se (inclusive pela via sensorial, além da mental e discursiva) de diferentes maneiras e já podem fazer várias coisas consigo mesmos.

Em seus últimos estudos, Foucault dedicou-se a problematizar as relações entre sujeito e verdade, focalizando no preceito *cuidado de si* do mundo antigo uma pista para pensar uma atitude de estranhamento permanente de si mesmo, das verdades auto-evidentes, das amarras do poder, numa perspectiva ética. Este percurso foucaultiano é tomado como base nesta tese para revisar o conceito de cuidado que circula nas creches na atualidade.

---

<sup>17</sup> KOHAN, Walter. *Infância. Entre Educação e Filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Ora, de um modo geral, as creches apresentam dispositivos através dos quais as crianças ingressam na cultura, através de uma certa experiência de si mesmas. No caso de bebês, que ainda não falam, o corpo é espaço privilegiado de configuração, de ação do outro, de aprendizagem sobre si. Nesta pesquisa, no berçário de uma creche da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, a Creche Otávio Henrique de Oliveira, situada na comunidade de Rio das Pedras, será feito um levantamento das ações dos adultos sobre as crianças e as ações das crianças sobre o entorno, configuradas nestas relações e a partir delas (como interação entre si, quais sentidos constroem nestas relações?).

Nesta pesquisa, observando e registrando tanto as práticas com as crianças pequenas como seus movimentos nos espaços que integram, o objetivo é perceber e dar visibilidade aos sentidos que emergem das relações e ações das crianças. A perspectiva etnográfica da Antropologia é o caminho tomado nesta direção.<sup>18</sup>

Numa outra via, também relevante na tese, a compreensão dos atos das crianças na perspectiva da criação, no contato com os adultos e outras crianças, inspira-se na filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin (2003)<sup>19</sup>. Seu trabalho localiza-se nos domínios da Arte, mas permite que possamos fazer articulações com a problemática da construção da subjetividade. Quando se refere ao campo dos textos literários, abre-se para uma analogia com o mundo da vida. A estética da criação verbal corresponde a uma estética do cotidiano.

Por ter como campo de pesquisa o discurso literário, Bakhtin focaliza prioritariamente o discurso verbal; mas em diversos momentos de seus textos, podemos perceber aberturas para a produção de sentido nas relações mediadas pelo corpo, a emoção, a posição axiológica de cada um, através do que podemos apontar como o primado da entonação. De acordo com o autor, "*a expressão das relações axiológicas-emocionais pode não ser de índole explícito-verbal mas, por assim dizer, de índole implícita na entonação*" (Bakhtin, 2003, p. 406).

Num dos seus primeiros textos, Bakhtin já afirmava que a linguagem passa a servir ao pensamento abstrato somente na atualidade, pois, historicamente, desenvolveu-se ligada ao pensamento participativo e ao ato realizado. A expressão do interior de um ato realizado requer a plenitude da palavra e isso significa

---

<sup>18</sup> O caminho metodológico da pesquisa será focalizado no capítulo 2.

<sup>19</sup> BAKHTIN Mikhail. *Estética da criação verbal*. (trad: Paulo Bezerra). São Paulo: Martins Fontes, 2003.

considerar "*seu aspecto de conteúdo (a palavra como conceito), tanto quanto seu aspecto palpável- expressivo (a palavra como imagem), e seu aspecto emocional-volitivo (a entonação da palavra) em sua unidade*" (Bakhtin, 1993, p.49)<sup>20</sup>. Hoje, quando nos relacionamos com a criança pequena que começa a falar, andar e movimentar-se expressivamente de forma potente no campo social, torna-se fundamental considerar a palavra e construções de sentido emergentes em todas essas três facetas (conteúdo, imagem/aspecto palpável, emoção). Bakhtin (idem, p.50) afirma que aquilo que é experimentado no campo das ações é "algo dado" e ao mesmo tempo "algo-ainda-a-ser-determinado", na expressão social. Todo objeto/palavra carrega um significado próprio ao seu uso mais constante, mas reinventa-se ao ser apropriado pelo sujeito da palavra, sujeito da ação em cada momento.

Em outro texto, ele afirma que: "*a coisa, ao permanecer coisa, pode influenciar apenas as próprias coisas; para influir sobre os indivíduos ela deve revelar seu potencial de sentido, isto é, deve incorporar-se ao eventual contexto das palavras e sentidos*" (Bakhtin, 2003, p. 404). Percebemos que a relação das crianças com as coisas produz certo desencantamento. Objetos, palavras e pessoas são mediadores de relacionamentos e ganham sentido no contexto em que são experienciados, movimentados, transformados. Mais importante do que a verdade objetivada do pensamento, o significado corrente, é focalizar o objeto que faz agir e pensar, que pode convocar a um diferente sentido em cada relação.

É no processo de negociação e de diálogo, que se mostram diferentes posições através das quais adultos e crianças constroem sentidos acerca das coisas, acerca do mundo. Nesta trilha, o conceito de *atitude responsiva*, ou *responsividade* contribui para refletirmos sobre o comprometimento, responsabilidade e resposta do adulto na relação com a criança. Para Bakhtin (2003), a atitude responsiva é um critério de conclusibilidade do enunciado. Ou seja, o enunciado revela sua força, inteireza e expressividade quando é possível responder a ele, quando convoca a uma resposta. Podemos dizer que isso se expõe em enunciados verbais e em composições não-verbais. Para Bakhtin (2003), "*aprender a falar significa aprender a construir enunciados*"(p.283) e isso envolve mergulhar nos gêneros

---

<sup>20</sup> BAKHTIN, Mikhail. *Toward a Philosophy of the Act*. Austin: University of Texas Press, 1993.

discursivos correntes na língua, responder e ser respondido, construir um terreno de sentidos partilhados, por conflitos e negociações.

É um desafio hoje desviar da concepção dominante de que a criança pouco sabe e o adulto transmite, completa, provê a criança. Como considerar os dois lugares de autoridade (da criança e do adulto), abrindo espaço à tradução, passagem do sentido de um para o do outro, sem diluição das fronteiras, sem um lado se anular?

Muitas vezes, a ação do adulto no contato com a criança é de intervenção, mudando o significado que ela estava dando a sua experiência, atuando sobre a sua ação, seja movendo-a do lugar onde está, chamando sua atenção com as palavras, dando nomes ao que faz, impedindo o curso do movimento, e de tantas outras formas.

Trata-se de como a cultura dominante e legitimada perpetua-se, afirmando-se no campo social. Nas palavras de Geertz (1989)<sup>21</sup>, *"a cultura é melhor vista não como complexo de padrões concretos de comportamento, mas como um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, regras, instruções para governar comportamentos."* ( p.56)

Este autor ainda diz que todos começamos com equipamento para viver milhares de espécies, mas vivemos só uma, a especificação é cultural. Em outras palavras, *"a cultura não é um simples ornamento da existência humana, mas condição essencial para ela"* (p. 56). Não se adiciona ao homem-natural acabado, mas muda substancialmente a natureza humana quando eclode, produzindo-a.

Nesta pesquisa, buscamos descrever como a inscrição cultural acontece, produzindo subjetividade, como os bebês vão sendo conduzidos a ter uma experiência de si mesmos no contexto dos objetos, dispositivos, rotinas e práticas da creche. Para além: como constroem espaços, relações e outros sentidos possíveis com seus movimentos, olhares, gestos comunicativos e expressivos?

De fato, é um desafio buscar a experiência de si num momento em que o si mesmo está sendo construído na relação com o outro. É como se o bebê vivesse o espaço entre o mundo objetivamente percebido e o mundo subjetivo. Conquistar o mundo é conquistar a si mesmo - efetuar certa experiência de si. Qual a

---

<sup>21</sup> GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

expectativa do outro-adulto sobre o bebê? O que reconhece e legitima dos seus movimentos, o que fica obscurecido?

Essas questões são vividas num cotidiano de cuidados extra-familiares, onde a repetição e os atos que obedecem a certa regularidade configuram uma rotina que se entrecruza com o acontecimento e o extra-ordinário, aquilo que pode ser criado pelo inesperado. É neste espaço que a pesquisa busca compreender o bebê.

O diálogo com a Antropologia tornou-se fecundo, pois oferece recursos para focalizar a cultura das crianças entrelaçada com a cultura dos adultos. Tanto autores clássicos como Geertz (1989), quanto autores mais recentes que focalizam o trabalho etnográfico especificamente com crianças, tais como Graue & Walsh (2003)<sup>22</sup> indicam a importância da construção do objeto da pesquisa, no caso, as crianças, entretido com os contextos de que participam.

De acordo com Graue e Walsh (2003) vale destacar o *contexto local*, o “aqui e agora” particulares onde se desenvolve a pesquisa, e o *contexto alargado*, onde o local está inserido. Na verdade, há várias dimensões contextuais que cercam o objeto da pesquisa e para compreender suas diversas nuances, é preciso identificá-los, dar visibilidade a eles.

Nesta pesquisa, o contexto local é o berçário e os contextos alargados são a Creche Otávio Henrique de Oliveira e a comunidade onde ela se situa, Rio das Pedras, na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Aqui, buscarei interpretar ocorrências do contexto local, com referências ao contexto alargado.

No primeiro capítulo, situo as funções que a creche foi assumindo no Brasil, ao longo da História, expondo o predomínio das ações higienistas. Também, explico como a discussão atual que propõe a integração entre cuidado e educação, como marca do que é específico no atendimento às crianças pequenas, acaba por produzir uma dualidade, educar como instruir e cuidar como proteger/preservar. No contraponto, busco re-qualificar conceitos e práticas de cuidado. Exatamente porque se apresenta como desprestigiado, visto como menor, da ordem do doméstico e da proteção, oferece uma alternativa às perspectivas dominantes. Fundamentada em Foucault (2004), focalizo o cuidado na dimensão do cuidado de si, que se desdobra em um trabalho sobre si (por parte das

---

<sup>22</sup> GRAUE, Elisabeth; WALSH, Daniel J. *Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética*. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2003.

recreadoras), o que pode reorientar o olhar e a perspectiva da relação com os bebês também.

No segundo capítulo, apresento o panorama do atendimento às crianças pequenas no Rio de Janeiro, explicitando como se dá nesta cidade a passagem de responsabilidade das creches da Secretaria de Desenvolvimento Social (SMDS) para a Secretaria de Educação (SME). Neste contexto, tanto dados objetivos do atendimento na cidade, quanto suas características são discutidos. Em seguida, exponho o cenário e o contexto da creche Otávio Henrique de Oliveira, analisando espaços, formas de organização e o perfil das famílias, crianças e profissionais que a integram. Por fim, relato como foi minha entrada e permanência no campo, as tensões e descobertas no processo de observar, registrar por escrito e fotografar cenas do cotidiano e eventos de interação das crianças entre si e delas com os adultos.

No terceiro capítulo o campo é apresentado. As técnicas corporais que conformam os bebês, os dispositivos disciplinares, as rotinas são analisados, tendo em vista evidenciar como os bebês vão percebendo a si mesmos, como vão agindo sobre si e no mundo. As invenções de sentido nas relações ficam claras, especialmente pelas fotografias que mostram como as crianças re-apropriam-se de objetos e como relacionam-se entre si. Neste capítulo, também, a possibilidade do cuidado como reflexão sobre si por parte das recreadoras é discutido, tendo em vista os depoimentos e reflexões delas ao lerem parte dos meus textos e ao analisarem comigo as fotografias.

Enfim, o desafio da tese é equacionar teoria e empiria, sem aligeirar os diferentes planos conceituais em jogo, dando visibilidade ao campo, contribuindo para avançar as discussões sobre a qualidade do cuidado na creche e sobre as diferentes e possíveis faces da relação dos adultos com os bebês neste contexto.